



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

HERBET DE AGUIAR PEREIRA

**VOZES DA SAUDADE NA LITERATURA E NO CINEMA:
UM DIÁLOGO DO CONTO *THE ROCKET MAN* AO FILME *K-PAX***

Guarabira - PB

2015

HERBET DE AGUIAR PEREIRA

VOZES DA SAUDADE NA LITERATURA E NO CINEMA:
UM DIÁLOGO DO CONTO *THE ROCKET MAN* AO FILME *K-PAX*

Artigo submetido ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena do curso de Letras, Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, campus III Guarabira - CH, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de graduação em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes

Guarabira - PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436v Pereira, Herbet de Aguiar
Vozes da saudade na literatura e no cinema [manuscrito] : um diálogo do conto *The Rocket Man* ao Filme *K-PAX* / Herbet de Aguiar Pereira. - 2015.
50 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Auricélio Soares Fernandes, Departamento de Letras".

1. Dialogismo 2. Vozes Discursivas. 3. Literatura 4. Cinema. I. Título.

21. ed. CDD 791.4

FICHA DE APROVAÇÃO

Herbet de Aguiar Pereira

VOZES DA SAUDADE NA LITERATURA E NO CINEMA: UM DIÁLOGO DO CONTO *THE ROCKET MAN* AO FILME *K-PAX*

Artigo submetido ao Programa de Graduação do Curso de Licenciatura Plena em Letras do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III Guarabira – CH, representados pela banca examinadora composta por:

Aprovado em 25 de novembro 2015

Auricélio Soares Fernandes

Nota: 9,5

**Orientador: Prof. Ms. Auricélio Soares Fernandes
Programa de Graduação em Letras - CH/UEPB**

Antônio Flávio Ferreira de Oliveira

Nota: 9,5

**Prof. Ms. Antônio Flávio Ferreira
Programa de Graduação em Letras - CH/UEPB**

Eveline Alvarez de Santos

Nota: 9,5

**Prof^a. Ms. Eveline Alvarez
Programa de Graduação em Letras - CH/UEPB**

Guarabira - PB

2015

Agradecimentos

Dedico este trabalho, primeiramente, à minha primeira inspiradora nos tempos de infância, à Professora Leda. Tive o prazer de ser instruído por ótimos (a) professores (a) na infância. Muitos são inesquecíveis e me fizeram compreender a importância fundamental deste profissional, o educador infantil. Lamento a pouca memória e não recordar o nome completo de minha saudosa Professora Leda, mas ela, com seus muitos conselhos em momentos difíceis, foi de tal importância em minha vida que jamais a esqueci e não poderia deixar de honrá-la neste momento. Ao meu orientador, Professor Ms. Auricélio Soares Fernandes, que sempre esteve presente, pronto a prestar quaisquer esclarecimentos que viesse a necessitar, um especial e cordial obrigado. Ao Professor, Ms. Antônio Flávio Ferreira, que colaborou esplendidamente para o entendimento da teoria usada na produção deste artigo, minha sincera gratidão. A cada professor, que compartilhou de seus conhecimentos comigo durante este curso, meu muito obrigado. Foram cinco anos de dedicação e estudos, nos quais tive a honra de ser orientado por Doutores (a) e Mestres (a) do mais alto gabarito, abdicando de lazer, viagens, festas e até de momentos familiares. Pude sempre contar com a compreensão e a colaboração de minha amada esposa, Luciana de Aguiar, a qual, pacientemente, soube esperar, apoiar, acalmar quando necessário. A ela meus agradecimentos finais.

RESUMO

O dialogismo proposto pelo Círculo bakhtiniano tem sido muito estudado nos últimos anos. O dialogismo é uma teoria muito abrangente e pode ser utilizada em diversas áreas da criação artística. Aborda-se esta proposta na criação do discurso considerando-o além do sentido estético. Este trabalho tem como objetivo principal analisar a influência social na formação do discurso, além de comparar as vozes da saudade (Homesick) e omissão (Default) observadas no conto “The Rocket Man” de Ray Bradbury e no filme “K-PAX” de Iain Softley, com base nos seus principais personagens. Será que o mesmo discurso pode ser entendido de formas diferentes por interlocutores distintos em localidades diferentes, com realidades socioculturais diferentes? A metodologia usada no artigo é a de uma pesquisa teórica com objetivo qualitativo, visando avaliar os diálogos nas obras através do conhecimento popular empírico. Utiliza-se como embasamento teórico os autores: LODGE (2010), BARROS (1996) apud MARCUZZO (2008), PEIRCE (1958) apud RIBEIRO (2010), BAKHTIN (2014), et al. Como resultado constata-se a inegável influência sofrida pelo discurso vinda dos elementos sociais que cercam o locutor (s) e o interlocutor (s).

Palavras-chave: Dialogismo. Vozes Discursivas. Literatura. Cinema.

ABSTRACT

The Dialogism proposed by Circle bakhtinian has been extensively studied in recent years. The Dialogism is a very comprehensive theory and can be used in various areas of artistic creation. This proposal addresses the creation of discourse considering the addition of aesthetic sense. This work aims to analyze the social influence in the formation of speech, aside from comparing the voices of homesick and default observed in the short story "The Rocket Man" by Ray Bradbury and in the film "K-PAX" by Iain Softley, based on their main characters. Will the same speech can be understood in different ways by different locations with different socialcultural realities? The methodology used in the article is a theoretical research with qualitative objective, to evaluate the dialogues in the works through the empirical popular knowledge. It was used as theoretical basis the authors: LODGE (2010), BARROS (1996) apud MARCUZZO (2008), PEIRCE (1958) apud RIBEIRO (2010), BAKHTIN (2014), et al. As a result, there is the undeniable influence suffered by the speech from the social elements that surround the speaker (s) and interlocutor (s).

Key words: Dialogism. Discourse voices. Literature. Cinema.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 AS OBRAS.....	10
1.1 Ray Bradbury.....	10
1.1.1 “The Rocket Man”	11
1.2 “K-Pax”	15
2 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
Referencias Bibliograficas	33
3 ANEXOS.....	34
I - Canção integrante da trilha sonora de K-PAX (2001).....	35
II - Conto "The Rocket Man"	37
III - Conto "The Rocket Man" Traduzido.....	44

Introdução.

O século XX trouxe à humanidade grandes conquistas e avanços industriais e tecnológicos. Foi nesse século que começou o que chamamos de a corrida espacial. Na corrida espacial as grandes potências econômicas do mundo mudaram o foco, deixaram de galgar territórios sobre a terra e passaram a explorar o espaço sideral. O auge da corrida espacial até nossos dias ocorreu em 20 de julho de 1969, quando Neil Armstrong e Edwin Aldrin pisaram pela primeira vez na lua numa missão que contava, ainda, com Michael Collins. Este espetáculo foi assistido por milhões de pessoas em todo o mundo. Ainda hoje o assunto causa admiração, descrença, medo e outros sentimentos em muitos de nós. A figura do astronauta tornou-se um símbolo de heroísmo, a qual foi explorada e destacada através das artes nas últimas décadas, sobre tudo no final dos anos 1960 e no começo dos anos 1970. Alguns artistas, como David Bowie em “**Space Oddity**” de 1969, trabalharam o lado anti-heroico destes personagens e retrataram a realidade humana destes profissionais que sacrificavam suas vidas e famílias em nome do desenvolvimento e da ciência. O autor americano Ray Bradbury escreveu uma compilação de contos de ficção científica denominada “**The Illustrated Man**” (1951) e um deles, “**The Rocket Man**”, é objeto de estudo deste artigo, sendo analisado e comparado junto ao filme “**K-PAX**”, de 2001 do diretor Iain Softley. Este artigo, também, aborda uma questão que há muito tempo encontra-se em aberto: o caráter social da construção ideológica, e explora através de teorias e exemplos práticos que o enunciado se apoia++ no fator social e no conhecimento empírico. Reconhecer esta característica do enunciado, que também é comum ao signo, é dar um passo adiante no processo de evolução do conhecimento linguístico. Neste artigo analisamos o discurso literário do conto “**The Rocket Man**”, comparado ao do filme “**K-PAX**”, à luz do dialogismo, proposta pelo Círculo bakhtiniano.

1. AS OBRAS

No tópico seguinte conheceremos um pouco sobre o autor da obra literária abordada neste artigo, o americano Ray Bradbury.

1.1 Ray Bradbury

¹“**Illustrated man**” (1951) é um livro de contos que segue a linha de ficção científica do autor, Ray Bradbury, que foi adaptado para o cinema em 1969, por Jack Smight. “**The Rocket Man**” é um conto que faz parte desta obra e aborda um tema atual para a época pela, então, crescente corrida espacial e ao mesmo tempo futurista para a década de 1950, visto que as pretensões de avanço espacial dos homens ainda eram apenas ideias, até então, e Bradbury, de forma genial, prevê acontecimentos que este tipo de experiência geraria.

Bradbury já havia obtido destaque na crítica com o conto “**Bright Phoenix** “ (1947), que posteriormente tornou-se o livro ²“**Fahrenheit 451**” (1953) após passar por revisões. Adaptado para o cinema por François Truffaut em 1966, “**Fahrenheit 451**” descreve um futuro onde a repressão é a ordem e ter opinião própria é considerado inaceitável. É, igualmente, inaceitável ler, possuir e divulgar literatura nesta época. Guy Montag é o protagonista em “**Fahrenheit 451**”, trabalhando como Bombeiro e tendo como uma de suas tarefas queimar livros. Fahrenheit é uma escala de temperatura e 451 é o nível de calor atingido ao queimar os livros.

Embora taxado pelos críticos como um texto contra ditaduras e sistemas opressores, Bradbury revelara que sua intenção em “**Fahrenheit 451**” era mostrar como o sistema de televisão tirava da sociedade o hábito de ler.

¹ Informações encontradas no site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Illustrated_Man> acessadas em 10 junho 2015 às 18:06.

² Informações encontradas no site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fahrenheit_451> acessadas em 10 junho 2015 às 18:40.

1.1.1 “The Rocket Man“

No tópico seguinte iniciaremos a análise do conto comentando cada acontecimento e destacando os sentimentos de saudade e omissão encontrados.

O conto inicia com o relato de um diálogo entre Doug e Lilly, sua mãe, onde ela o convoca para ajudá-la a buscar meios de manter seu pai junto a eles e não deixar que ele continue viajando pelo espaço. Neste trecho, percebemos o sentimento de dor gerada pela ausência do pai e marido no seio familiar:

³“You will help me keep him here this time, won't you?” ...“This time he mustn't go away again...”
“Faintly, we've got to try, anyway...” (BRADBURY, 1951, p.63)

No decorrer da narrativa, à noite, Lilly e Doug deitam-se para dormir quando sentem passar por sua pequena cidade, nos arredores de Springfield, um foguete e logo concluem que o seu herói (Pai/Marido) chegou. Após a chegada do pai em casa, Doug mexe em suas roupas e encontra seu uniforme de astronauta. Em um diálogo com o filho, o astronauta conta como era ser um garoto em seu tempo no ano de 1997, deixando uma dica do tempo em que se passa a narrativa. Certamente um período no futuro, visto que foi escrito na década de 1950:

⁴“Dad smoked cigarettes and told me about how it was when he was a boy in the year 1997.” (BRADBURY, 1951, p.64)

Não é difícil imaginar como Bradbury conseguiu prever o que aconteceria durante o processo de exploração espacial. Em nossos tempos, século XXI, assim como na década de 1950, homens e mulheres que trabalham viajando por diferentes países, estados e passam muito tempo longe de suas famílias têm sérios problemas em administrar o trabalho com o

³ "Você vai me ajudar a mantê-lo aqui, desta vez, não vai?" ... "Desta vez, ele não deve ir embora novamente ..." "Fracamente, temos que tentar, de qualquer maneira ..." (BRADBURY, 1951, p.63)

⁴ "Papai fumava cigarros e me contou sobre como era quando ele era um menino no ano de 1997." (BRADBURY, 1951, p.64) – TRADUÇÕES NOSSAS

cuidado e toda a atenção que a família necessita. Viajar pelo espaço e estar em casa três ou quatro vezes por ano seria uma tarefa difícil.

Dessa forma, vemos que informações e conhecimentos obtidos através das experiências passadas influenciam a arte e também o discurso. Influenciam o autor em sua construção ideológica. Cada pensamento e ideia colocada no papel por Bradbury estava carregada de informações obtidas por convivência social, carregadas de afirmações e negações de outros indivíduos, que dialogavam com as próprias convicções do autor e geravam em sua mente o tema, o discurso acabado, assim como aponta Bakhtin (2014):

“A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.” (p.42)

Com as informações sobre viagem espacial que temos hoje, no século XXI, Bradbury seguiria outra linha de pensamento. Assim, a ficção nos oferece algo além daquilo que já conhecemos e nos transporta para seu mundo imaginário. No texto, vemos palavras que transmitem as mudanças sociais acontecendo e um novo presente, uma nova realidade a surgir:

“A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos.” (BAKHTIN, 2014, p.36)

Bradbury não estava criando em sua obra uma nova realidade. Ele estava registrando em palavras as mudanças sociais que estavam acontecendo e tentando prever até onde essas mudanças poderiam levar.

No conto, o tempo de permanência do astronauta em casa com sua família é de cerca de quatro dias e o enredo se desenrola durante esse período. O narrador-personagem, Doug, vagueia no tempo psicológico indo para o momento da nova partida do astronauta ao espaço e depois voltando aos relatos dos passeios em família durante a permanência do seu pai em casa.

Doug conversa com seu pai e os dois passam ótimos momentos juntos enquanto Doug pergunta-o coisas sobre o espaço, detalhes estes dos quais ele (o pai) nunca falava. O astronauta fica a lembrar do espaço e Lilly reage com indignação contra Doug dizendo: "Você não está ajudando em nada" (BRADBURY, 1951, p.66)

Posteriormente Doug e Lilly levam o astronauta até o local de sua decolagem ao espaço e o veem subir através do condutor de ar. Então, voltam para casa, tristes e tentam não se abalar com aquilo. Em outro momento do conto, Lilly não permite que Doug realize as tarefas domésticas que seu pai costuma fazer, como aparar a grama.

Doug relata a viagem em família onde seu pai sente-se completo e feliz por aproveitar as coisas simples da vida, como o sol ou o som do mar. Bradbury retrata um assunto relevante: a brevidade da vida e a importância de aproveitar os momentos e as coisas simples. Mais uma vez, o narrador altera a sequência dos fatos em uma abordagem psicológica do tempo e não na sequência cronológica.

O astronauta pede a seu filho que nunca escolha uma carreira como a dele e tenta mostrar o quão difícil é viver daquela forma:

⁵"Doug, he said, about five in the afternoon, as we were picking up our towels and heading back along the beach near the surf, "I want you to promise me something." "What?" "Don't ever be a Rocket Man." I stopped. "I mean it," he said. "Because when you're out there you want to be here, and when you're here you want to be out there. Don't start that. Don't let it get hold of you." (BRADBURY, 1951, p.68)

O astronauta sente o peso da saudade em duas fases distintas. Ele sente falta de estar em casa quando está solitário no espaço e, ao mesmo tempo, sente saudade do espaço ao estar em casa com a família. Esta situação é amplamente trabalhada durante todo o conto "The Rocket Man".

⁵ "Doug, foi dito, cerca de cinco horas da tarde, quando estávamos pegando nossas toalhas e voltando ao longo da praia perto do ponto de surfe," Eu quero que você me prometa uma coisa. "" O quê? "" Não seja um astronauta. "Eu parei. "Eu quero dizer", disse ele. "Porque quando você está lá fora, você quer estar aqui, e quando você está aqui você quer estar lá fora. Não comece isso. Não deixe isso se apossar de você. " (BRADBURY, 1951, p.68) - TRADUÇÕES NOSSAS

O dilema do astronauta dialoga com centenas de casos semelhantes envolvendo atores, cantores, caminhoneiros, pilotos de aviões, entre outras profissões que estão mais ausentes que presentes no convívio familiar.

A criação ficcional-futurística de Ray Bradbury demonstra o conflito no cotidiano de cada profissional que vive uma rotina de viagens, longe de casa por longos períodos. Este fato social é conhecido por todos e influencia tanto o autor quanto o leitor gerando um diálogo entre a ficção e a realidade.

Na manhã do quarto dia, antes de partir para o espaço o astronauta revela a seu filho sua decisão. Ele manda que Doug avise a sua mãe, quando ela acordar, que ele partiu e voltara, então não partirá mais. Ele havia decidido deixar de ser um astronauta.

Durante a conversa com Doug, Lilly explica ao filho por que se comporta de forma fria com seu marido. Ela desenvolveu uma técnica para se conformar com a ausência de seu marido e com as consequências de seu trabalho:

⁶“What if he dies on Mars? We'll never be able to look at Mars again, all red in the sky, without wanting to go in and lock the door. Or what if he died on Jupiter or Saturn or Neptune? On those nights when those planets were high in the sky, we wouldn't want to have anything to do with the stars. I guess not, I said. The message came the next day. The messenger gave it to me and I read it standing on the porch. The sun was setting. Mom stood in the screen door behind me, watching me fold the message and put it in my pocket. “Mom,” I said. “Don't tell me anything I don't already know,” she said. She didn't cry.” (BRADBURY, 1951, p.71)

No fim do conto, Doug e Lilly recebem a notícia que sempre esperavam e temiam ouvir a cada viagem do astronauta ao espaço: o “rocket man” sofre um acidente e morre no espaço; sua nave cai no sol e Doug e Lilly passam a serem criaturas noturnas, evitando o sol para não sofrer como o astronauta da

⁶ "E se ele morrer em Marte? Nós nunca vamos ser capazes de olhar para Marte novamente, todo vermelho no céu, sem querer entrar e fechar a porta. Ou se ele morresse em Júpiter, Saturno ou Netuno? Nessas noites, quando esses planetas estivessem no alto do céu, nós não íamos querer ter nada a ver com as estrelas. Eu acho que não, eu disse. A mensagem veio no dia seguinte. O mensageiro deu para mim e eu a li de pé na varanda. O sol estava se pondo. Mamãe ficou na porta de tela atrás de mim, me observando dobrar a mensagem e colocá-la no bolso. "Mãe," eu disse. "Não me diga o que eu já sei", disse ela. Ela não chorou. " (BRADBURY, 1951, p.71) - TRADUÇÕES NOSSAS

narrativa. Assim, tal sentimento de angustia torna-se uma forma de alívio, pois seus medos chegam ao fim.

1.2 “K-PAX”

O filme “K-PAX” foi dirigido por Iain Softley em 2001 baseado em um romance de Gene Brewer. O filme acabou esquecido pelos críticos e pelo público, principalmente por ter sido lançado logo depois dos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos em período de grande tensão e apreensão.

“K-PAX” é um filme de ficção científica que aborda temas relevantes como as relações familiares e a divisão do tempo entre o trabalho e a família. No filme, é abordada a existência de outros seres no universo e a importância (ou não) da exploração espacial e, em uma análise mais alegórica, a forma como a sociedade exclui quem não se enquadra em seus critérios de normalidade.

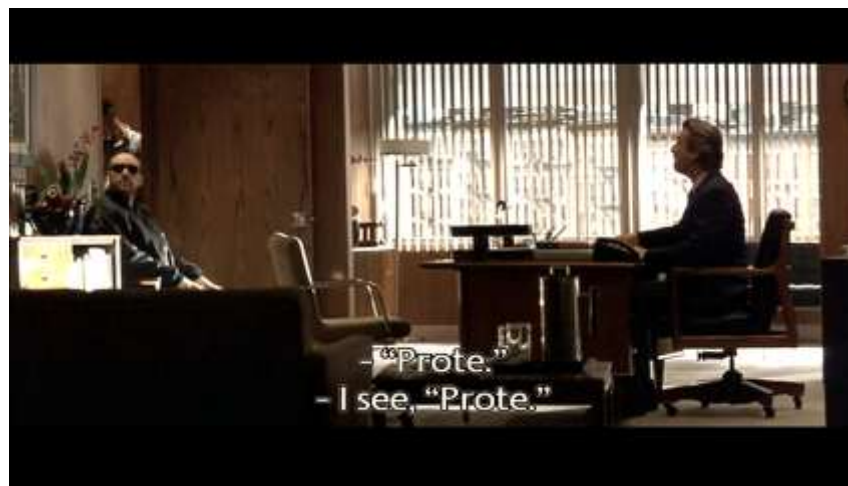
A história se inicia com a arbitrária prisão e internação de um homem que nada fez, exceto dizer que é “diferente” e mesmo com o testemunho de um pedinte que presenciou o acontecido, Prote é detido pela polícia. Nem mesmo o testemunho do pedinte evita sua prisão, mostrando que os menos favorecidos financeiramente nem mesmo são ouvidos ou considerados como testemunhas. Prote é levado ao hospital psiquiátrico e afirma ser um visitante de outra galáxia, de K-PAX, na constelação de LIRA.

No hospital psiquiátrico Prote começa a ser tratado pelo Dr. Mark Powell e é submetido a exames que apontam alterações inexplicáveis para Dr. Powell, embora Prote justifique seu estado revelando que em seu planeta existem três sois que criam um ambiente especialmente iluminado, Mark não encontra explicação para Prote enxergar os raios ultravioleta, já que nenhum humano pode enxergá-los.

Na imagem a seguir, Dr. Mark observa Prote através de um vidro onde quem está dentro não enxerga o lado de fora e sente que está sendo visto por Prote. Semioticamente a imagem mostra no reflexo uma forte ligação entre os personagens, mostrando um sobreposto ao outro:



IMAGEM 01

⁷IMAGEM 02

No decorrer do filme, Mark Powell afirma em um momento que está ligado a Prote por achar que Prote o escolheu, como se acreditasse que Prote é um ser iluminado.

Prote é chamado de Prot durante o filme, mesmo tendo repetido a pronuncia correta para todos. Vejamos na imagem 02 acima.

A imagem seguinte nos mostra um dos momentos em que Prote e Dr. Mark Powell conversam e confrontam opiniões durante uma das muitas sessões de análise:

⁷ **K-PAX**, O caminho da luz. Direção: Iain Softley, Produção: Robert F. Colesberry, Lawrence Gordon e Lloyd Levin. Washington, (USA): Intermedia Film, 2001, 1 DVD (**Todas as imagens foram retiradas do filme**)



IMAGEM 03

O dialogismo proposto e estudado pelo círculo Bakhtiniano, defende uma análise menos rígida e fechada da língua, considerando as diversas influências sofridas pelo falante como: Cultura, Religião, Classe social, Nível intelectual, entre outros fatores.

“...a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for... Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior.” (BAKHTIN, 2014, p. 38)

Para o Círculo bakhtiniano, o diálogo passa a ser dialogismo no momento em que as convicções e todas as experiências que os participantes do debate acumularam em suas vidas, entram em ação e influenciam seu discurso.

“O discurso (a língua em sua integridade concreta e viva) não é individual porque se constrói entre, pelo menos, dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; e se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, mantém relações com outros discursos que o precederam.” (BARROS, 1996, p. 33).

Salvo ponto de vista relativo aos interlocutores, que para o Círculo bakhtiniano pode se resumir a um locutor, Barros (1996) interpreta o raciocínio do Círculo bakhtiniano e reafirma a carga de influência sofrida por esse discurso vinda dos discursos anteriores.

Entretanto, quando falamos de diálogo estamos nos referindo também a interação entre os diversos discursos existentes na nossa sociedade, a exemplo dos discursos artísticos que aqui discutimos: o discurso literário e o discurso cinematográfico. Aqui, tentamos demonstrar que ambos dialogam um com o outro seja através de temas comuns, representações de personagens, mesmo em diferentes contextos socio-culturais e principalmente nos sentimentos abordados no conto e filme que aqui debatemos, o *homesick* e o *default*.

Questionado sobre o motivo de estar em um hospital psiquiátrico e sobre a possibilidade de estar doente, Prote diz que talvez seu único problema seja saudade de casa:



IMAGEM 04

Na definição do dicionário Michaelis (1989, p. 125), o vocábulo *homesick* (adjetivo) é traduzido simplesmente como nostálgico, enquanto a legenda, em português, do filme traduz o termo como “saudade de casa.” Entretanto, tal fato é compreensível, pois como sabemos, na língua inglesa não há um substantivo equivalente à palavra saudade, na língua portuguesa. No inglês, o verbo “miss” teria significado semelhante, no sentido de fazer ou sentir falta de algo ou alguém. Ainda, a palavra *homesick*, poderia também se referir a um tipo de saudade específica, nesse caso, a saudade do lar ou de casa.



IMAGEM 05

Prote revela durante o filme que em seu planeta não existe a estrutura social que temos na terra. Em *K-PAX* não há casamentos ou famílias, divergindo dos heróis em “The Rocket Man”. Quando Prote diz: *A little homesick, perhaps*, não especifica de que sente saudades, mas contexto nota-se que ele se refere a saudades da terra, que há muito tempo não visitava e nem mesmo lembrava como era linda e cheia de encantos.

No filme também há outro elemento intertextual que aborda o mesmo tema de astronautas que vivem dilemas familiares em suas vidas. A música “Rocket Man”(VER ANEXO I), do cantor inglês Elton John, faz parte da trilha sonora do filme; a canção converge também, com a situação de Dr. Powell, que sofre com o mesmo dilema familiar dos astronautas do conto de Bradbury.

Assim, as palavras de Stam (2006) corroboram para nossa discussão:

Como o que Bakhtin chama de “construção híbrida”, a expressão artística sempre mistura as palavras do próprio artista com as palavras de outrem. A adaptação, também, deste ponto de vista, pode ser vista como uma orquestração de discursos, talentos e trajetórias, uma construção “híbrida”, mesclando mídia e discursos, um exemplo do que Bazin na década de 1950 já chamava de cinema “misturado” ou “impuro” (p.23).

Ainda, Stam (1992) adiciona que o dialogismo do Círculo bakhtiniano é também aplicado às outras formas de discursos/artes existentes em nossa sociedade:

Esse conceito multidisciplinar e interdisciplinar do dialogismo, se aplicado a um fenômeno cultural como um filme, por exemplo, referir-se-ia não apenas ao diálogo dos personagens no interior de um filme, mas também ao diálogo do filme com filmes anteriores, assim como ao “diálogo” de gêneros ou de vozes de classes no interior do filme, ou ao diálogo entre as várias trilhas (entre a música e a imagem, por exemplo). Além disso, poderia referir-se também ao diálogo que conforma o processo de produção específico (entre produtor e diretor, diretor e ator), assim como às maneiras como o discurso é conformado pelo público, cujas reações potenciais são levadas em conta (p.34).

Ao voltar para casa, ainda pensando em Prote, Dr. Powell tem uma conversa com Raquel, sua esposa. Nesse momento, há um momento de tensão que demonstra o quanto Mark Powell tem estado longe de sua família. Nesse momento, notamos a presença do sentimento de ⁸*default* em relação à sua esposa. Raquel utiliza de ironia para criticar a forma como Mark tem deixado sua família em segundo lugar em sua vida, dando sempre prioridade ao trabalho. Veja na imagem seguinte:



IMAGEM 08

⁸ Na definição do dicionário Michaelis, *default* (substantivo) pode ser traduzido como: 1- falta, descuido, negligência, omissão, entre outras definições. Acessado em < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=default>> às 22:22h do dia 12 junho 2015.

Na última imagem, Raquel sugere pagar uma consulta ao esposo para que ele possa ficar com sua família e dar atenção a eles.

No filme, há uma forte relação entre o sentimento de omissão e o sentimento de saudade. A omissão de Mark gera um sentimento de saudade em sua esposa e a faz lembrar com tristeza dos tempos em que namoravam e tinham mais tempo um para o outro.

Prote logo conquista a admiração e a confiança de todos no hospital psiquiátrico e passa a ser consultado por seus colegas sobre alto tratamento, pois ele defende a teoria de que todos são capazes de curar a si mesmos. Logo Mark toma conhecimento do progresso de seus pacientes de forma milagrosa e busca saber o motivo de suas mudanças. Ao saber que Prote tem interferido no tratamento de seus pacientes, Mark fica irritado e tenta pressionar Prote em uma conversa no jardim. Durante o diálogo Prote demonstra estar calmo e seguro de tudo que diz, enquanto Mark parece agitado e confuso. Essa superioridade de Prote na conversa aparece semioticamente na imagem a seguir.



⁹IMAGEM 09

O Dr. Powell tenta mostrar a Prote que o tratamento dos pacientes é a sua tarefa. Powell tenta equilibrar o debate e sobe no banco nivelando os dois personagens. Há um ponto de tensão na última frase do diálogo quando Prote questiona Dr. Powell sobre não ter curado seus pacientes, já que é sua esta

⁹ **K-PAX**, O caminho da luz. Direção: Iain Softley, Produção: Robert F. Colesberry, Lawrence Gordon e Lloyd Levin. Washington, (USA): Intermedia Film, 2001, 1 DVD (**Todas as imagens foram retiradas do filme**)

função. Mark Powell não consegue achar resposta para esta pergunta e Prote sai deixando Mark em silêncio.

Prote confunde a mente de Mark com seu controle e domínio daquilo que fala, levando Mark a buscar meios para esclarecer sua real origem. Posteriormente, Mark leva Prote à NASA para confrontar sua informação a respeito de seu local de origem com os conhecimentos dos maiores especialistas na área. Há uma crítica à desvalorização do termo “DOUTOR”, amplamente utilizado atualmente. Podemos observar essa crítica nas imagens a seguir:



¹⁰IMAGENS 10 e 11

Prote mostra conhecimentos sobre o espaço que vão além da compreensão dos maiores doutores da nossa ciência espacial. Há, alegoricamente, uma crítica à ciência e aos cientistas, que a cada ano descobrem novas informações e formulam novas teorias e demonstram, cada vez mais, saber pouco sobre o universo, se comparado ao personagem, provavelmente sem qualquer instrução. Na imagem seguinte vemos os pesquisadores da NASA assustados e surpresos ao verem o que está acontecendo, quando Prote desenha numa tela luminosa o mapa do universo com riqueza de detalhes secretos que apenas os agentes do governo sabiam e mesmo superficialmente:

¹⁰ “Quantos doutores há neste planeta?” (TRADUÇÃO NOSSA)



IMAGEM 12

A imagem acima pode também demonstrar em sentido alegórico a limitação do ser humano que, se julgando tão intelectualmente superior, ainda possui pouco conhecimento sobre tudo que o cerca, sobre o universo em que vive:

“A alegoria é uma forma especializada de narrativa simbólica, que não apenas sugere algo além de seu sentido literal, mas insiste em ser decodificada em um outro sentido.” (LODGE, 2010, p. 150).

Em mais uma das várias conversas com Mark, Prote o informa que voltará para K-PAX no dia 27 de julho do corrente ano, às 05:51, pela hora do Leste, explica que viajará através de um raio de luz, e os motivos de segurança para escolher data e hora exatas. Essa data não é apenas simbólica no contexto fílmico, mas sim outro elemento intertextual: em 1958 no dia 27 de julho o 34º presidente dos Estados Unidos, David Eisenhower, assinou o documento que criou a NASA.

Mark tenta criar um ambiente familiar durante um almoço de 04 de julho (dia da independência dos Estados Unidos) em sua casa para, quando convida Prote na esperança do mesmo se familiarizar mais com a sua família e a sociedade. Mas uma reação durante um momento de lazer onde Prote empurra a filha de Mark e Rachel no balanço chama a atenção de Mark e deixa todos sob tensão. O esguicho da torneira do jardim dispara e jorra água sobre as plantas próximo a Prote. O som do esguicho e as gargalhadas das crianças presentes no local trazem lembranças a Prote que o fazem entrar em

desespero. Tudo volta ao normal assim que fecham a torneira e Prote levanta sorrindo como se nada tivesse acontecido, deixando todos ainda mais confusos a seu respeito.

Na imagem a seguir Rachel, a esposa do Dr. Powell, utiliza um gesto simbólico com o olhar e o movimento de cabeça para afirmar à enfermeira do hospital psiquiátrico, que acompanhando Prote, que está tudo sob controle e que ela pode sair e deixá-los conversar à sós.



IMAGEM 13

O gesto é um signo e vai além das palavras, podendo ser compreendido em um diálogo por outros meios.

“Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer.” (BAKHTIN, 2014, p.33)

O signo representa algo e pode ser melhor explicado nas palavras de Pierce (1958):

Um símbolo, ao se constituir como tal, se dissemina entre as pessoas. Ao ser usado e experimentado, tem seu sentido ampliado. Palavras como força, lei, riqueza e casamento, para nós, remetem a significados bem diferentes daqueles a que elas remetiam para nossos antepassados (p. 2.302).

Enquanto Saussure enxergava signo e significante como palavra e ação, como a soma da língua, arbitrariamente imposta ao homem, com a fala,

trabalhada pelo homem livremente, que resultara na linguagem (*langue* e *parole*), Pierce foi além e entende que o signo pode gerar a ação mesmo sem a palavra. Por meio de um gesto, por exemplo.

A abordagem do discurso visto além das regras gramaticais, do texto escrito e das palavras é o ponto principal do dialogismo do Círculo bakhtiniano, que sugere uma análise mais ampla do discurso, visto através de uma análise sociológica.

A língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para nossos fins. (BAKHTIN, 2008, p. 207)

Para o Círculo bakhtiniano o discurso obtém o máximo de seu sentido quando analisado levando em consideração os fatores externos ao texto. Os fatores sociais, que estão intrínsecos em cada interlocutor. Ainda durante o almoço, há um significado alegórico na imagem dos óculos que Prote usa todo tempo, escuros o bastante para mostrar pouco de seus olhos, retratando Prote como um personagem misterioso. Nas imagens seguintes vemos um momento em que os óculos são retirados durante uma conversa aberta com a senhora Powell. Prote retira os óculos e o diálogo se aprofunda. No momento em que ele retoma sua postura defensiva, os óculos são, imediatamente, recolocados.



¹¹IMAGENS 14 e15

¹¹ **K-PAX**, O caminho da luz. Direção: Iain Softley, Produção: Robert F. Colesberry, Lawrence Gordon e Lloyd Levin. Washington, (USA): Intermedia Film, 2001, 1 DVD (**Todas as imagens foram retiradas do filme**)

Outros momentos em que Prote é induzido a se abrir e falar sobre sua vida são na consulta com Dr. Powell, quando ele cria um ambiente propício para uma conversa mais aberta e a visita ao observatório dos cientistas, quando Prote é novamente questionado sobre seu lar. Nestes dois pontos os óculos são, alegoricamente, retirados. Veja nas imagens seguintes:



¹²IMAGEM 16



¹³IMAGEM 17

O almoço prossegue e todos são chamados à mesa. As imagens seguintes mostram, alegoricamente, que o estilo de vida, no tocante à

¹² “Eu estava esperando que me falasse mais sobre seu lar”

¹³ “Sentisse em casa? (TRADUÇÃO NOSSA)”

alimentação, de Prote é um exemplo para os demais. Ao mesmo tempo critica o consumo exagerado de produtos nocivos à saúde, como carnes, gorduras e frituras:



¹⁴IMAGEM 18



¹⁵IMAGEM 19

¹⁴ “Então Prote, Mark disse que você não come carne. ”

¹⁵ (Raquel continua) “Isso é muito saudável. ” (Mark) “Fale por você. ”
(TRADUÇÃO NOSSA)



¹⁶IMAGEM 20

De volta ao hospital psiquiátrico, Mark Powell continua sua busca por informações que esclareçam a origem de Prote. As sessões de hipnose continuam e juntando cada informação Mark vai montando o quebra-cabeças da vida de Prote.

A busca termina quando ele encontra Robert Porter e descobre seu passado devastador: Robert sofreu a perda de sua esposa e filha em um ataque à sua residência por um criminoso em busca de problemas. Após assassinar o invasor, Robert tentou suicídio, pulando em um rio e foi dado como morto pelas autoridades. O personagem Robert Porter leva o nome do militar americano de alta patente, Robert William Porter Júnior, falecido em 2000, um ano antes do lançamento do filme.

¹⁶ **K-PAX**, O caminho da luz. Direção: Iain Softley, Produção: Robert F. Colesberry, Lawrence Gordon e Lloyd Levin. Washington, (USA): Intermedia Film, 2001, 1 DVD (**Todas as imagens foram retiradas do filme**)

No clímax do filme, o delegado ao julgar o caso questiona o pensamento de condenar ou não Robert Porter. Ele representa o sentimento de grande parte da sociedade, que vive subjugada pela criminalidade e muitas vezes reage, violentamente, perdendo seus direitos, sua razão, sua liberdade e, até, suas vidas.



¹⁷IMAGEM 21



¹⁸IMAGEM 22

Entretanto, proferindo as palavras: "I'd just as soon not know about it", o delegado se apossa do direito de não condenar Robert Porter pelo crime que cometeu.

¹⁷ "Se esse garoto que apareceu lá em Nova Iorque é realmente Robert Porter,"

¹⁸ "Eu não saberia disso tão cedo" (TRADUÇÃO NOSSA)



IMAGEM 23

No momento da descoberta do caso, visivelmente emocionado, Dr. Powell ouve o delegado afirmar que se estivesse em lugar de Robert Porter teria feito o mesmo. Ao voltar para casa, ainda emocionado, Mark, finalmente, percebe quanto tem sido negligente com sua família e se desculpa com sua esposa.

Nas cenas finais do filme, Mark tenta convencer Prote a confessar sua estória, mas Prote sustenta a afirmação de que ele é um extraterrestre.

O filme termina com a “partida” de Prote e o desaparecimento de uma das pacientes do hospital psiquiátrico, supostamente levada para K-PAX por Prote. Robert Porter, então, fica catatônico e paralisado sobre uma cadeira de rodas levando a crer que Prote ou seu espírito partira à K-PAX, mas não antes de transformar a todos à sua volta, incluindo Dr. Mark Powell, que passa a dar mais valor à sua família e às coisas simples do lar. Mark convida seu filho mais velho, com quem não mantinha boa relação, para o natal e estreita as relações entre os dois, pondo fim a um mal-estar familiar:



IMAGEM 24

Finalmente, sua relação com Raquel volta ao normal, como era no início do casamento e todos parecem estar melhor que antes de conhecer Prote, de quem sentirão saudades.

Considerações Finais

Esta análise comparativa nos leva a concluir que as artes em geral, música, cinema, literatura, pintura, etc. podem dialogar entre si, complementando umas às outras.

Cada leitor ou espectador que entra em contato com uma obra, traz consigo uma série de informações e experiências que influenciarão em sua visão ao analisar tal discurso. Este indivíduo levará consigo essas conclusões e as repassará para outrem em outro tipo de arte ou em quaisquer tipos de relações sociais que participar, traçando assim a teia dialógica sobre a qual estuda, exaustivamente, o Círculo bakhtiniano. Cada signo semiótico, cada alegoria, cada frase encontrada neste conto e neste filme, assim como na

canção que serviu de trilha sonora para o filme, faz sentido para o espectador através de uma convenção social, por meio de um conhecimento prévio de mundo e das informações que permeiam a sociedade.

Os sentimentos de saudade e omissão, *Homesick* e *Default*, perceptíveis durante o estudo das obras analisadas, também fazem parte de experiências sociais já concluídas e amplamente conhecidas. Os sentimentos do filho e da esposa, no conto de Bradbury, assim como os de Prote ao sentir saudade de casa, os de Miss Powell que sofre com a falta de tempo do marido, recebem uma carga potencializada em nossas mentes ao se confrontarem com nossas experiências pessoais, comparados à nossas experiências de vida.

Assim, discutimos que é coerente afirmar que o discurso analisado, meramente, através do meio gramatical, sintático da palavra, torna-se, inevitavelmente, falho. Para uma análise eficaz e mais objetiva do mesmo, faz-se necessário considerar outras influências discursivas, como o teor social da mensagem, o meio e época em que vivem o locutor e o interlocutor, a cultura, a religião, entre outros fatores.

Um texto representa algo que fará sentido ou não de acordo com nosso conhecimento do assunto e de acordo com nossas experiências pessoais; despertará sentimentos de acordo com as experiências vividas pelo interlocutor. Reagirá e dialogará com cada informação já adquirida, do contrário serão apenas palavras.

Os estudos do Círculo bakhtiniano nos proporcionam a possibilidade de alcançar um, há muito desejado, meio de analisar o discurso de uma forma mais completa, pois a língua e o discurso são os canais para a interação social, a troca de conhecimentos e para a convivência.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. M. & VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: 16.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. (trad. I. R. Titunik) New York: Academic press, 1976.

BRADBURY, Ray. **The Illustrated man**: The Rocket man. USA: ELT Granada, 1951.

BRAIT, Beth. **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. 1º ed., 2º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

LODGE, David. **A arte da ficção**: Alegoria. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MARCUZZO, Patrícia. **Diálogo incluso**: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin”. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/>>. Acesso em: 03/05/2015 às 18:57.

PIERCE, Charles Sanders. **The Collected Papers**. 1958. Cambridge, MA: Harvard University Press. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe61/2010esse61-esribeiro.pdf>
Acessado 03/05/2015 às 19:03.

STAM, Robert. Teoria e Prática da Adaptação: da fidelidade à intertextualidade. In: **Ilha do Desterro**, Florianópolis, nº51, p. 019-053, jul./dez. 2006.

_____. **Bakhtin – da teoria literária à cultura de massa**. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Editora Ática, 1992.

ANEXOS

ANEXO I

Canção integrante da trilha sonora de K-PAX (2001)

Rocket Man – Elton Jonh

*She packed my bag last night, preflight
Zero hour, nine a.m.
And I'm gonna be high
As a kite by then*

*I miss the earth so much
I miss my wife **(Note o Homesick presente)**
It's lonely out in space
On such a timeless flight*

*And I think it's gonna be a long, long, time
'Til touchdown brings me 'round again to find
I'm not the man they think I am at home
Ah, no no no... **(Contraste com a imagem do Herói)**
I'm a rocket man
Rocket man
Burnin' out his fuse up here alone*

*And I think it's gonna be a long, long, time
'Til touchdown brings me 'round again to find
I'm not the man they think I am at home
Ah, no no no...
I'm a rocket man
Rocket man
Burnin' out his fuse up here alone*

*Mars ain't the kind of place to raise your kids
In fact, it's cold as hell
And there's no one there to raise them
If you did*

*And all this science
I don't understand **(Converge com a cena dos Doutores na NASA)***

*It's just my job
Five days a week
A rocket man
Rocket man*

*And I think it's gonna be a long, long, time
'Til touchdown brings me 'round again to find
I'm not the man they think I am at home
Ah, no no no...
I'm a rocket man
Rocket man
Burnin' out his fuse up here alone*

*And I think it's gonna be a long, long, time
'Til touchdown brings me 'round again to find
I'm not the man they think I am at home
Ah, no no no...
I'm a rocket man
Rocket man
Burnin' out his fuse up here alone*

*And I think it's gonna be a long, long, time
'Til touchdown brings me 'round again to find
I'm not the man they think I am at home
Ah, no no no...
I'm a rocket man
Rocket man
Burnin' out his fuse up here alone*

And I think it's gonna be a long, long, time...

Na canção trilha sonora do filme a saudade de casa e da família estão presentes, assim como no filme e no conto. Enquanto as obras convergem sobre o sentimento de saudade sentido por seus personagens, diverge sobre a imagem do herói que vemos em Prote, que não é a mesma do astronauta de Bradbury, visto por sua esposa como um vilão ou a do astronauta da canção que revela não ser o herói que todos pensam em sua casa.

ANEXO II

“The Rocket Man” – Ray Bradbury

THE electrical fireflies were hovering above Mother’s dark hair to light her path. She stood in her bedroom door looking out at me as I passed in the silent hall. “You *will* help me keep him here this time, won’t you?” she asked.

“I guess so,” I said.

“Please.” The fireflies cast moving bits of light on her white face. “This time he mustn’t go away again.”

“All right,” I said, after standing there a moment. “But it won’t do any good; it’s no use.”

She went away, and the fireflies, on their electric circuits, fluttered after her like an errant constellation, showing her how to walk in darkness. I heard her say, faintly, “We’ve got to try, anyway.”

Other fireflies followed me to my room. When the weight of my body cut a circuit in the bed, the fireflies winked out. It was midnight, and my mother and I waited, our rooms separated by darkness, in bed. The bed began to rock me and sing to me. I touched a switch; the singing and rocking stopped. I didn’t want to sleep. I didn’t want to sleep at all.

This night was no different from a thousand others in our time. We would wake nights and feel the cool air turn hot, feel the fire in the wind, or see the walls burned a bright color for an instant, and then we knew his rocket was over our house—his rocket, and the oak trees swaying from the concussion. And I would lie there, eyes wide, panting, and mother in her room. Her voice would come to me over the interroom radio:

“Did you feel it?” And I would answer, “That was him, all right.”

That was my father’s ship passing over our town, a small town where space rockets never came, and we would lie awake for the next two hours, thinking, “Now Dad’s landed in Springfield, now he’s on the tarmac, now he’s signing the papers, now he’s in the helicopter, now he’s over the river, now the hills, now he’s settling the helicopter in at the little airport at Green Village here. . . . And the night would be half over when, in our separate cool beds, Mother and I would be listening, listening. “Now he’s walking down Bell Street. He always walks . . . never takes a cab . . . now across the park, now turning the corner of Oakhurst and *now* . . .

I lifted my head from my pillow. Far down the street, coming closer and closer, smartly, quickly, briskly—footsteps. Now turning in at our house, up the porch steps. And we were both smiling in the cool darkness, Mom and I, when we heard the front door open in recognition, speak a quiet word of welcome, and shut downstairs. . . .

Three hours later I turned the brass knob to their room quietly, holding my breath, balancing in a darkness as big as the space between the planets, my hand out to reach the small black case at the foot of my parents’ sleeping bed. Taking it, I ran silently to my room, thinking, He won’t tell me, he doesn’t want me to *know*. And from the opened case spilled his black uniform, like a black nebula, stars glittering here or there, distantly, in the material. I kneaded the dark stuff in my warm hands; I smelled the planet Mars, an iron smell, and the planet Venus, a green ivy smell, and the planet Mercury, a scent of sulphur and fire; and I could smell the milky moon and the hardness of stars. I pushed the uniform into a centrifuge machine I’d built in my ninth-grade shop that year, set it whirling. Soon a fine powder precipitated into a retort. This I slid under a microscope. And while my parents slept unaware, and while our house was asleep, all the automatic bakers and servers and robot cleaners in an electric

slumber, I stared down upon brilliant motes of meteor dust, comet tail, and loam from far Jupiter glistening like worlds themselves which drew me down the tube a billion miles into space, at terrific accelerations.

At dawn, exhausted with my journey and fearful of discovery, I returned the boxed uniform to their sleeping room.

Then I slept, only to waken at the sound of the horn of the dry-cleaning car which stopped in the yard below. They took the black uniform box with them. It's good I didn't wait, I thought. For the uniform would be back in an hour, clean of all its destiny and travel.

I slept again, with the little vial of magical dust in my pajama pocket, over my beating heart.

When I came downstairs, there was Dad at the breakfast table, biting into his toast.

"Sleep good,

Doug?" he said, as if he had been here all the time, and hadn't been gone for three months.

"All right," I said.

"Toast?"

He pressed a button and the breakfast table made me four pieces, golden brown.

I remember my father that afternoon, digging and digging in the garden, like an animal after something, it seemed. There he was with his long dark arms moving swiftly, planting, tamping, fixing, cutting, pruning, his dark face always down to the soil, his eyes always down to what he was doing, never up to the sky, never looking at me, or Mother, even, unless we knelt with him to feel the earth soak up through the overalls at our knees, to put our hands into the black dirt and not look at the bright, crazy sky. Then he

would glance to either side, to Mother or me, and give us a gentle wink, and go on, bent down, face down, the sky staring at his back.

That night we sat on the mechanical porch swing which swung us and blew a wind upon us and sang to us. It was summer and moonlight and we had lemonade to drink, and we held the cold glasses in our hands, and Dad read the stereo-newspapers inserted into the special hat you put on your head and which turned the microscopic page in front of the magnifying lens if you blinked three times in succession. Dad smoked cigarettes and told me about how it was when he was a boy in the year 1997. After a while he said, as he had always said, "Why aren't you out playing kick-the-can, Doug?"

I didn't say anything, but Mom said, "He does, on nights when you're not here."

Dad looked at me and then, for the first time that day, at the sky. Mother always watched him when he glanced at the stars. The first day and night when he got home he wouldn't look at the sky much. I thought about him gardening and gardening so furiously, his face almost driven into the earth. But the second night he looked at the stars a little more. Mother wasn't afraid of the sky in the day so much, but it was the night stars that she wanted to turn off, and sometimes I could almost see her reaching for a switch in her mind, but never finding it. And by the third night maybe Dad'd be out here on the porch until 'way after we were all ready for bed, and then I'd hear Mom call him in, almost like she called me from the street at times. And then I would hear Dad fitting the electric-eye door lock in place, with a sigh. And the next morning at breakfast I'd glance down and see his little black case near his feet as he buttered his toast and Mother slept late.

"Well, be seeing you, Doug," he'd say, and we'd shake hands.

"In about three months?"

"Right." And he'd walk away down the street, not taking a helicopter or beetle or bus, just walking with his uniform hidden in his small underarm case; he didn't want anyone to think he was vain about being a

Rocket Man.

Mother would come out to eat breakfast, one piece of dry toast, about an hour later. But now it was tonight, the first night, the good night, and he wasn't looking at the stars much at all.

"Let's go to the television carnival," I said.

"Fine," said Dad.

Mother smiled at me. And we rushed off to town in a helicopter and took Dad through a thousand exhibits, to keep his face and head down with us and not looking anywhere else. And as we laughed at the funny things and looked serious at the serious ones, I thought, My father goes to Saturn and Neptune and Pluto, but he never brings me presents. Other boys whose fathers go into space bring back bits of ore from Callisto and hunks of black meteor or blue sand. But I have to get my own collection, trading from other boys, the

Martian rocks and Mercurian sands which filled my room, but about which Dad would never comment.

On occasion, I remembered, he brought something for Mother. He planted some Martian sunflowers once in our yard, but after he was gone a month and the sunflowers grew large, Mom ran out one day and cut them all down.

Without thinking, as we paused at one of the three-dimensional exhibits, I asked Dad the question I always asked:

"What's it like, out in space?"

Mother shot me a frightened glance. It was too late.

Dad stood there for a full half minute trying to find an answer, then he shrugged.

"It's the best thing in a lifetime of best things." Then he caught himself. "Oh, it's really nothing at all.

Routine. You wouldn't like it." He looked at me, apprehensively.

"But you always go back."

"Habit."

"Where're you going next?"

"I haven't decided yet. I'll think it over."

He always thought it over. In those days rocket pilots were rare and he could pick and choose, work when he liked. On the third night of his homecoming you could see him picking and choosing among the stars.

"Come on," said Mother, "let's go home."

It was still early when we got home. I wanted Dad to put on his uniform. I shouldn't have asked—it always made Mother unhappy—but I could not help myself. I kept at him, though he had always refused.

I had never seen him in it, and at last he said, "Oh, all right."

We waited in the parlor while he went upstairs in the air flue. Mother looked at me dully, as if she couldn't believe that her own son could do this to her. I glanced away.

"I'm sorry," I said.

"You're not helping at all," she said. "At all."

There was a whisper in the air flue a moment later.

"Here I am," said Dad quietly.

We looked at him in his uniform.

It was glossy black with silver buttons and silver rims to the heels of the black boots, and it looked as if someone had cut the arms and legs and body from a dark nebula, with little faint stars glowing through it.

It fit as close as a glove fits to a slender long hand, and it smelled like cool air and metal and space. It smelled of fire and time.

Father stood, smiling awkwardly, in the center of the room.

"Turn around," said Mother.

Her eyes were remote, looking at him.

When he was gone, she never talked of him. She never said anything about anything but the weather or the condition of my neck and the need of a washcloth for it, or the fact that she didn't sleep nights. Once she said the light was too strong at night.

"But there's no moon this week," I said.

"There's starlight," she said.

I went to the store and bought her some darker, greener shades. As I lay in bed at night, I could hear her pull them down tight to the bottom of the windows. It made a long rustling noise.

Once I tried to mow the lawn.

"No." Mom stood in the door. "Put the mower away." So the grass went three months at a time without cutting. Dad cut it when he came home.

She wouldn't let me do anything else either, like repairing the electrical breakfast maker or the mechanical book reader. She saved everything up, as if for Christmas. And then I would see Dad hammering or tinkering, and always smiling at his work, and Mother smiling over him, happy.

No, she never talked of him when he was gone. And as for Dad, he never did anything to make a contact across the millions of miles. He said once, "If I called you, I'd want to be with you. I wouldn't be happy."

Once Dad said to me, "Your mother treats me, sometimes, as if I weren't here—as if I were invisible."

I had seen her do it. She would look just beyond him, over his shoulder, at his chin or hands, but never into his eyes. If she did look at his eyes, her eyes were covered with a film, like an animal going to sleep.

She said yes at the right times, and smiled, but always a half second later than expected.

"I'm not there for her," said Dad. But other days she would be there and he would be there for her, and they would hold hands and walk around the block, or take rides, with Mom's hair flying like a girl's behind her, and she would cut off all the mechanical devices in the kitchen and bake him incredible cakes and pies and cookies, looking deep into his face, her smile a real smile. But at the end of such days when he was there to her, she would

always cry. And Dad would stand helpless, gazing about the room as if to find the answer, but never finding it.

Dad turned slowly, in his uniform, for us to see.

"Turn around again," said Mom.

The next morning Dad came rushing into the house with handfuls of tickets. Pink rocket tickets for

California, blue tickets for Mexico.

"Come on!" he said. "We'll buy disposable clothes and burn them when they're soiled.

Look, we take the noon rocket to L.A., the two-o'clock helicopter to Santa Barbara, the nine-o'clock plane to

Ensenada, sleep overnight!" And we went to California and up and down the Pacific Coast for a day and a half, settling at last on the sands of Malibu to cook wieners at night. Dad was always listening or singing or watching things on all sides of him, holding onto things as if the world were a centrifuge going so swiftly that he might be flung off away from us at any instant.

The last afternoon at Malibu Mom was up in the hotel room. Dad lay on the sand beside me for a long time in the hot sun. "Ah," he sighed, "this is it." His eyes were gently closed; he lay on his back, drinking the sun. "You miss this," he said.

He meant "on the rocket," of course. But he never said "the rocket" or mentioned the rocket and all the things you couldn't have on the rocket. You couldn't have a salt wind on the rocket or a blue sky or a yellow sun or Mom's cooking. You couldn't talk to your fourteen-year-old boy on a rocket.

"Let's hear it," he said at last. And I knew that now we would talk, as we had always talked, for three hours straight. All afternoon we would murmur back and forth in the lazy sun about my school grades, how high I could jump, how fast I could swim.

Dad nodded each time I spoke and smiled and slapped my chest lightly in approval. We talked. We did not talk of rockets or space, but we talked of Mexico, where we

had driven once in an ancient car, and of the butterflies we had caught in the rain forests of green warm Mexico at noon, seeing the hundred butterflies sucked to our radiator, dying there, beating their blue and crimson wings, twitching, beautiful, and sad. We talked of such Things instead of the things I wanted to talk about. And he listened to me. That was the thing he did, as if he was trying to fill himself up with all the sounds he could hear. He listened to the wind and the falling ocean and my voice, always with a rapt attention, a concentration that almost excluded physical bodies themselves and kept only the sounds. He shut his eyes to listen. I would see him listening to the lawn mower as he cut the grass by hand instead of using the remote-control device, and I would see him smelling the cut grass as it sprayed up at him behind the mower in a green fount.

"Doug," he said, about five in the afternoon, as we were picking up our towels and heading back along the beach near the surf, "I want you to promise me something."

"What?"

"Don't ever be a Rocket Man."

I stopped.

"I mean it," he said. "Because when you're out there you want to be here, and when you're here you

want to be out there. Don't start that. Don't let it get hold of you."

"But—"

"You don't know what it is. Every time I'm out there I think, If I ever get back to Earth I'll stay there;

I'll never go out again. But I go out, and I guess I'll always go out."

"I've thought about being a Rocket Man for a long time," I said,

He didn't hear me. "I try to stay here. Last Saturday when I got home I started trying so damned hard to stay here."

I remembered him in the garden, sweating, and all the traveling and doing and listening, and I knew that he did this to convince himself that the sea and the towns and the land and his family were the only real things and the good things. But I knew where he would be tonight: looking at the jewelry in Orion from our front porch.

"Promise me you won't be like me," he said.

I hesitated awhile. "Okay," I said.

He shook my hand. "Good boy," he said.

The dinner was fine that night. Mom had run about the kitchen with handfuls of cinnamon and dough and pots and pans tinkling, and now a great turkey fumed on the table, with dressing, cranberry sauce, peas, and pumpkin pie.

"In the middle of August?" said Dad, amazed.

"You won't be here for Thanksgiving."

"So I won't."

He sniffed it. He lifted each lid from each tureen and let the flavor steam over his sunburned face. He said "Ah" to each. He looked at the room and his hands. He gazed at the pictures on the wall, the chairs, the table, me, and Mom. He cleared his throat. I saw him make up his mind. "Lilly?"

"Yes?" Mom looked across her table which she had set like a wonderful silver trap, a miraculous gravy pit into which, like a struggling beast of the past caught in a tar pool, her husband might at last be caught and held, gazing out through a jail of wishbones, safe forever. Her eyes sparkled.

"Lilly," said Dad.

Go on, I thought crazily. Say it, quick; say you'll stay home this time, for good, and never go away; say it!

Just then a passing helicopter jarred the room and the windowpane shook with a crystal sound. Dad glanced at the window.

The blue stars of evening were there, and the red planet Mars was rising in the East.

Dad looked at Mars a full minute. Then he put his hand out blindly toward me. "May I have some peas," he said.

“Excuse me,” said Mother. “I’m going to get some bread.”

She rushed out into the kitchen.

“But there’s bread on the table,” I said.

Dad didn’t look at me as he began his meal.

I couldn’t sleep that night. I came downstairs at one in the morning and the moonlight was like ice on all the housetops, and dew glittered in a snow field on our grass. I stood in the doorway in my pajamas, feeling the warm night wind, and then I knew that Dad was sitting in the mechanical porch swing, gliding gently. I could see his profile tilted back, and he was watching the stars wheel over the sky. His eyes were like gray crystal there, the moon in each one.

I went out and sat beside him.

We glided awhile in the swing.

At last I said, “How many ways are there to die in space?”

“A million.”

“Name some.”

“The meteors hit you. The air goes out of your rocket. Or comets take you along with them.

Concussion. Strangulation. Explosion. Centrifugal force. Too much acceleration. Too little. The heat, the cold, the sun, the moon, the stars, the planets, the asteroids, the planetoids, radiation . . .”

“And do they bury you?”

“They never find you.”

“Where do you go?”

“A billion miles away. Traveling graves, they call them. You become a meteor or a planetoid traveling forever through space.”

I said nothing.

“One thing,” he said later, “it’s quick in space. Death. It’s over like that. You don’t linger. Most of the time you don’t even know it. You’re dead and that’s it.”

We went up to bed.

It was morning.

Standing in the doorway, Dad listened to the yellow canary singing in its golden cage.

“Well, I’ve decided,” he said. “Next time I come home, I’m home to stay.”

“Dad!” I said.

“Tell your mother that when she gets up,” he said.

“You mean it!”

He nodded gravely. “See you in about three months.”

And there he went off down the street, carrying his uniform in its secret box, whistling and looking at the tall green trees and picking chinaberries off the chinaberry bush as he brushed by, tossing them ahead of him as he walked away into the bright shade of early morning. . . .

I asked Mother about a few things that morning after Father had been gone a number of hours. “Dad said that sometimes you don’t act as if you hear or see him,” I said.

And then she explained everything to me quietly.

“When he went off into space ten years ago, I said to myself, ‘He’s dead.’ Or as good as dead. So think of him dead. And when he comes back, three or four times a year, it’s not him at all, it’s only a pleasant little memory or a dream. And if a memory stops or a dream stops, it can’t hurt half as much. So most of the time I think of him dead—

—”

“But other times—”

“Other times I can’t help myself. I bake pies and treat him as if he were alive, and then it hurts. No, it’s better to think he hasn’t been here for ten years and I’ll never see him again. It doesn’t hurt as much.”

“Didn’t he say next time he’d settle down.”

She shook her head slowly. “No, he’s dead. I’m very sure of that.”

“He’ll come alive again, then,” I said.

“Ten years ago,” said Mother, “I thought, What if he dies on Venus? Then we’ll never be able to see

Venus again. What if he dies on Mars? We’ll never be able to look at Mars again, all red in the sky, without wanting to go in and lock the door. Or what if he died on Jupiter or Saturn or Neptune? On those nights when those planets were high in the sky, we wouldn’t want to have anything to do with the stars.”

“I guess not,” I said.

The message came the next day.

The messenger gave it to me and I read it standing on the porch. The sun was setting. Mom stood in the screen door behind me, watching me fold the message and put it in my pocket.

“Mom,” I said.

“Don’t tell me anything I don’t already know,” she said.

She didn’t cry.

Well, it wasn’t Mars, and it wasn’t Venus, and it wasn’t Jupiter or Saturn that killed him. We wouldn’t have to think of him every time Jupiter or Saturn or Mars lit up the evening sky.

This was different.

His ship had fallen into the sun. And the sun was big and fiery and merciless, and it was always in the sky and you couldn’t get away from it. So for a long time after my father died my mother slept through the days and wouldn’t go out. We had breakfast at midnight and lunch at three in the morning, and dinner at the cold dim hour of 6 A.M. We went to all-night shows and went to bed at sunrise. And, for a long while, the only days we ever went out to walk were the days when it was raining and there was no
sun.

Anexo III

“The Rocket Man” – Ray Bradbury (Tradução minha)

Os vagalumes elétricos foram pairando sobre o cabelo escuro de minha mãe para iluminar seu caminho. Ela estava na porta de seu quarto, olhando para mim enquanto eu passava no corredor silencioso. Você vai me ajudar a mantê-lo aqui, desta vez, não vai? Perguntou ela. Acho que sim, eu disse. Por Favor. Os vagalumes parecem pedaços de luz se movendo em seu rosto branco. Desta vez, ele não deve ir embora novamente.

Tudo bem, eu disse, depois de ficar ali por um momento. Mas isso não vai fazer nenhum bem; não adianta. Ela foi embora, e os vagalumes, em seus movimentos elétricos, vibraram atrás dela como uma constelação andante, mostrando-lhe por onde andar na escuridão. Eu a ouvi dizer, fracamente, temos que tentar, de qualquer maneira. Outros vagalumes me seguiram até meu quarto. Quando o meu corpo caiu com todo seu peso sobre a cama, os vagalumes foram embora. Era meia-noite, e minha mãe e eu esperamos em nossos quartos, separados pela escuridão, na cama.

A cama começou a me balançar e cantar para mim. Toquei um interruptor; o canto e balançar pararam. Eu não quero dormir. Eu não queria dormir. Esta noite não era diferente de milhares de outros em nosso tempo. Nós iríamos acordar à noite e sentir o ar fresco virar quente, sentir o fogo com o vento, ou ver as paredes queimadas em uma cor brilhante por um instante, e então nós saberíamos que seu foguete estava sobre a nossa casa, era ele e as árvores de carvalho balançando por causa do abalo.

E eu fiquei lá, de olhos arregalados, ofegante, e minha mãe em seu quarto. A voz dela veio até mim pelo rádio interfone: Você sentiu isso? E eu respondi: Era ele, tudo bem. Esse foi o foguete de meu pai que passou sobre a nossa cidade, uma cidade pequena onde foguetes espaciais nunca vinham, e gostaríamos de ficar acordados pelas próximas duas horas, pensando, agora o meu pai desembarcou em Springfield, agora ele está na pista, agora ele está assinando os papéis, agora ele está no helicóptero, agora ele está sobre o rio, agora nas colinas, agora ele está se acomodando no helicóptero em um pequeno aeroporto no Green Village. E a noite seria metade sobre quando, em nossas camas separadas, minha mãe e eu estaríamos ouvindo, ouvindo. Agora ele está andando por Bell Street. Ele sempre anda. Nunca toma um táxi. Agora do outro lado do parque, agora virando a esquina de Oakhurst e agora. Ergui a cabeça do meu travesseiro. Longe, na rua, chegando cada vez mais perto, de forma inteligente, de forma rápida, passos rápidos. Agora entrando em nossa casa, até os degraus da varanda. E nós dois estávamos sorrindo na escuridão felizes, mamãe e eu, quando ouvimos a porta da frente abrir, ao reconhece-lo, ele falou uma palavra calma de boas-vindas, e fechou a porta.

Três horas mais tarde, eu girei a maçaneta de metal e fui para o quarto em silêncio, prendendo a respiração, cambaleando em uma escuridão tão grande quanto o espaço entre os planetas, estendi a mão para pegar a pequena caixa preta no pé da cama de dormir dos meus pais. Peguei-a, eu corri para o meu quarto em silêncio, pensando: Ele não vai me dizer, ele não quer que eu saiba. E ao abrir, derrubando

seu uniforme preto, como uma nebulosa preta, estrelas brilhando aqui ou ali, distantes, no material. Eu amassei o material escuro em minhas mãos quentes; senti o cheiro do planeta Marte, um cheiro de ferro, o planeta Vênus, um cheiro de erva verde, e para o planeta Mercúrio, um cheiro de enxofre e fogo; e eu podia sentir o cheiro da lua, leitoso e a dureza das estrelas. Eu empurrei o uniforme em uma máquina centrífuga que eu tinha construído na minha turma da nona série naquele ano, botei para funcionar. Logo, um pó fino caiu dele. Isso eu coloquei em um microscópio. E enquanto meus pais dormiam sem saber, e enquanto nossa casa estava dormindo, todos os padeiros e servidores automáticos e limpadores do robô em um sono elétrico, eu olhava para baixo para os montes brilhantes de poeira de meteoros, cauda do cometa, e barro de longe, Júpiter brilhando como seus próprios mundos que me chamavam para baixo num tubo de um bilhão de quilômetros no espaço, em acelerações fantásticas. Na madrugada, exausto com a minha jornada e com medo de ser descoberto, devolvi o uniforme na caixa ao seu quarto de dormir. Então eu dormi, só para acordar ao som da buzina do carro de limpeza a seco, que parou no pátio abaixo. Eles pegaram a caixa do uniforme preto com eles. É bom que eu não espero, pensei. O uniforme estaria de volta em uma hora, limpo de todo o seu destino e pronto para viajar. Eu dormi de novo, com o pequeno frasco de pó mágico no bolso do pijama, por cima do meu coração batendo. Quando cheguei lá em baixo, meu pai não estava à mesa do café, mordendo sua torrada. Durma bem, Doug? Disse ele, como se ele tivesse estado aqui o tempo todo, e não tivesse ido embora há três meses. Tudo bem, eu disse. Torrada? Ele apertou um botão e na mesa do café colocou quatro pedaços, marrom dourado.

Lembro-me de meu pai naquela tarde, cavar e cavar no jardim, como um animal depois de algo, parecia. Lá estava ele, com seus longos braços escuros movendo-se rapidamente, o plantio, compactação, fixação, o corte, a poda, o rosto escuro sempre para baixo ao solo, com os olhos para baixo para o que ele estava fazendo, nunca para o céu, nunca olhando para mim ou mãe, a não ser que me ajoelhasse com ele para sentir a terra absorver através dos macacões em nossos joelhos, para colocar nossas mãos na sujeira preta e não olhar para o céu brilhante, louco. Em seguida, ele olhava para os lados, para mãe ou para mim, e nos dávamos uma piscadela gentil, e vá em frente, abaixou-se, de bruços, o céu olhando para suas costas. Naquela noite, nós nos sentamos no balanço da varanda que nos balançou e soprou um vento sobre nós e cantou para nós.

Era verão e luar e tivemos limonada para beber, e nós seguramos os óculos frios em nossas mãos, e meu pai leu os jornais no chapéu especial, você coloca na sua cabeça e vira a página microscópica em frente à lupa se você piscar três vezes seguidas. Papai fumava cigarros e me contou sobre como era quando ele era um menino no ano de 1997. Depois de um tempo, ele disse, como ele sempre disse: Por que você não está lá fora chutando lata, Doug? Eu não disse nada, mas minha mãe disse, Ele o faz, nas noites em que você não está aqui. Papai olhou para mim e, em seguida, pela primeira vez naquele dia, para o céu. Mãe sempre assistia quando ele olhava para as estrelas. O primeiro dia e noite, quando ele chegou em casa ele não queria olhar para o céu. Pensei nele jardinando e jardinando tão furiosamente, com o rosto quase empurrado para a terra. Mas na segunda noite ele olhou para as estrelas um pouco mais. Mamãe não tinha tanto medo do céu de dia, mas era as estrelas que

ela queria desligar, e às vezes eu quase podia vê-la procurar um interruptor em sua mente, mas nunca encontrou. E pela terceira noite talvez papai estivesse aqui na varanda até estarmos todos prontos para a cama, e então eu ouvi a minha mãe chamá-lo, quase como ela me chamava da rua, às vezes. E então eu ouvi papai instalando o alarme elétrico na porta, com um suspiro. E na manhã seguinte no café da manhã ele olhou para baixo e vi a sua pequena caixa preta perto de seus pés enquanto ele passava manteiga na torrada e mamãe dormia até tarde. Bem, você está vendo Doug? Ele dizia, e demos um aperto de mão. Nos vemos em três meses? Certo.

E ele saiu a pé pela rua, não tendo um helicóptero ou besouro ou ônibus, apenas andando com seu uniforme escondido em sua pequena caixa nas axilas; ele não queria que ninguém pensasse que ele era vaidoso sobre ser um astronauta. Mãe iria sair para tomar café da manhã, um pedaço de pão seco, cerca de uma hora mais tarde. Mas agora era esta noite, a primeira noite, a boa noite e ele não estava mais olhando para as estrelas. Vamos para o carnaval da televisão, eu disse. Bem, disse o pai. Mãe sorriu para mim. E nós corremos para a cidade em um helicóptero que levou o papai através de milhares de exposições, para manter seu rosto e cabeça para baixo com e não olhar em qualquer outro lugar. E como nós rimos das coisas engraçadas e olhamos sério para as graves, pensei: Meu pai vai para Saturno e Netuno e Plutão, mas ele nunca me traz presentes. Outros meninos cujos pais vão para o espaço trazem de volta pedaços de minério de Callisto e pedaços de meteoros preto ou azul, areia.

Mas eu tenho que pegar minha própria coleção negociar de outros meninos as rochas Marcianas e areias Mercurianas que encheram o meu quarto, mas sobre a qual o papai nunca quis comentar. Na ocasião, eu me lembrava, ele trouxe algo para a mãe.

Ele plantou alguns girassóis marcianos uma vez em nosso quintal, mas um mês depois que ele se foi e os girassóis cresceram, mãe correu para fora um dia e cortou-os todos. Sem pensar, quando paramos em uma das exposições tridimensionais, perguntei a meu pai o que eu sempre perguntava: Como é, no espaço? Mãe me lançou um olhar assustado. Era tarde demais. Papai ficou lá por um minuto e meio ao tentar encontrar uma resposta, em seguida, baixou a cabeça. É a coisa melhor que existe.

Em seguida, ele se conteve. Oh, é realmente nada. Rotina. Você não iria gostar. Ele olhou para mim, apreensivo. Mas você sempre volta. Hábito. Para onde vais? Eu ainda não decidi. Vou pensar sobre isso. Ele sempre pensou sobre isso.

Naqueles dias, os pilotos de foguetes eram raros e ele poderia escolher, o trabalho quando ele gostava. Na terceira noite do seu regresso para casa que você podia vê-lo escolher e escolher entre as estrelas. Vamos lá, disse a mãe, vamos para casa. Ainda era cedo quando chegamos em casa. Eu queria papai para colocar em seu uniforme. Eu não deveria ter perguntado isso. Fez mamãe infeliz, mas eu não poderia evitar. Eu ficava com ele, embora ele sempre se recusou. Eu nunca tinha visto ele calado, e, finalmente, ele disse: "Oh, tudo bem." Esperamos na sala enquanto ele subiu no condutor de ar. Mãe me olhou estupidamente, como se ela não pudesse acreditar que seu próprio filho poderia fazer isso com ela. Olhei para

longe. Me desculpe, eu disse. Você não está ajudando em nada, disse ela. Em nada! Houve um sussurro no condutor de ar um momento posterior. Aqui estou, disse o pai em voz baixa. Olhamos para ele em seu uniforme. Era preto brilhante, botões de prata e aros de prata para os saltos das botas pretas, parecia como se alguém tivesse cortado os braços e as pernas e corpo a partir de uma nebulosa escura, com pequenos brilhantes, estrelas fracas através dele. Ela se encaixa como uma luva se encaixa a uma mão longa e fina, e cheirava como o ar fresco do metal e do espaço. Cheirava a fogo e tempo. Papai de pé, sorrindo sem jeito, no centro da sala. Vire-se, disse a mãe. Seus olhos eram remotos, olhando para ele. Quando ele se foi, ela nunca falou dele. Ela nunca disse nada sobre qualquer coisa, mas do tempo ou a condição do meu pescoço e da necessidade de uma toalha para ele, ou o fato de que ela não conseguia dormir noites. Uma vez ela disse que a luz era muito forte durante a noite. Mas não há lua, esta semana, eu disse. Há luz das estrelas, disse ela. Eu fui até a loja e comprei-lhe algumas mais escuras, tonalidades mais verdes. Enquanto eu estava deitado na cama à noite, eu podia ouvi-la puxá-los para baixo apertado para a parte inferior das janelas.

Ele fez um barulho longo. Uma vez eu tentei cortar a grama. Não! Mamãe estava na porta. Coloque o cortador de volta. Assim, a grama ficou três meses sem cortar. Papai cortá-la quando ele chegar em casa. Ela não me deixou fazer qualquer outra coisa, como reparar a máquina de café da manhã ou o leitor de livros. Ela guardou tudo em cima, como para o Natal. E então eu iria ver o pai martelando ou mexendo, e sempre sorrindo para o seu trabalho, e minha mãe sorrindo para ele, feliz.

Não, ela nunca falava dele quando ele ia embora. Ele nunca fez nada para fazer um contato através dos milhões de quilômetros. Ele disse uma vez, se eu te chamasse, eu desejaria estar com você. Eu não me sentiria feliz. Uma vez que meu pai me disse: Sua mãe me trata, às vezes, como se eu não estivesse aqui, como se eu fosse invisível. Eu tinha visto ela fazer isso. Ela ficava um pouco além dele, por cima do ombro, em seu queixo ou nas mãos, mas nunca em seus olhos. Se ela olhava em seus olhos, os olhos dela estavam cobertos com uma película, como um animal ao dormir. Ela disse que sim nos momentos certos, e sorriu, mas sempre meio segundo mais tarde do que o esperado. "Eu não estou lá para ela", disse meu pai. Mas antes ela estaria lá e ele estaria lá para ela, e que iria dar as mãos e caminhar em torno do quarteirão, ou fazer passeios, com o cabelo da mamãe voando como uma menina atrás dela, e que ela iria usar todos os dispositivos mecânicos na cozinha e assar bolos incríveis e tortas e biscoitos, olhando profundamente em seu rosto, seu sorriso um sorriso real. Mas, no final desses dias em que ele estava lá para ela, ela sempre chorava. E o pai ficava desamparado, olhando sobre o quarto como se para encontrar a resposta, mas nunca a encontrar. Papai virou-se lentamente, em seu uniforme, para nós vermos. "Vire-se de novo", disse a mãe. Na manhã seguinte, o pai veio correndo para a casa com um punhado de bilhetes. Bilhetes de foguetes de-rosa para a Califórnia, bilhetes azuis para o México. "Vamos lá!", Disse. "Vamos comprar roupas descartáveis e queimá-las quando estiverem sujas. Olha, nós tomamos o foguete do meio-dia para Los Angeles, o helicóptero de duas horas para Santa Barbara, o avião de nove horas para a enseada, dormimos durante a noite! "E nós fomos para a Califórnia e para cima e para baixo da costa do Pacífico por um dia e meio, fixando-nos por último nas areias de Malibu para

cozinhar salsichas à noite. Papai sempre estava ouvindo ou cantando ou assistindo as coisas a volta dele, agarrando-se as coisas como se o mundo fosse uma centrífuga indo tão rápido que ele pudesse ser arremessado para fora para longe de nós, a qualquer instante. A última tarde no Mom Malibu estava no quarto do hotel. Papai estava na areia ao lado de mim por muito tempo no sol quente. "Ah", ele suspirou, "é isso." Seus olhos eram delicadamente fechados; ele estava deitado de costas, tomando sol. "Você sente falta disso", disse ele. Ele quis dizer "no foguete", é claro. Mas ele nunca disse que "o foguete" ou mencionado o foguete e todas as coisas que você não poderia ter sobre o foguete. Você não pode ter um vento salgado no foguete ou um céu azul ou um sol amarelo ou comida da mamãe. Você não poderia falar com o seu menino de quatorze anos de idade, em um foguete. "Vamos ouvi-lo", disse ele, por fim. E eu sabia que iríamos conversar, como nós sempre conversamos, por três horas seguidas. Durante toda a tarde nós murmurávamos para frente e para trás no sol preguiçoso sobre minhas notas escolares, o quão alto que eu podia saltar, o quão rápido eu poderia nadar. Papai assentiu cada vez que eu falei, sorriu e bateu no meu peito levemente em aprovação. Nós conversamos. Nós não falamos de foguetes ou espaço, mas nós falamos do México, onde nos tinha levado uma vez em um carro antigo, e das borboletas que tinha apanhado nas florestas tropicais de verdes quente México ao meio-dia, vendo as cem borboletas sugadas para o nosso radiador, morrendo lá, batendo suas asas, se contorcendo, belo e triste. Falamos de tais coisas em vez das coisas que eu queria falar. E ele me ouviu. Isso foi o que ele fez, como se ele estivesse tentando se satisfazer com todos os sons que ele podia ouvir. Ele ouviu o vento e o mar caindo e minha voz, sempre com muita atenção, uma concentração que quase excluiu corpos físicos e manteve apenas os sons. Ele fechou os olhos para ouvir. Gostaria de vê-lo a ouvir o cortador de grama como ele cortou a grama com a mão em vez de usar o cortador automático, e gostaria de vê-lo cheirar a relva cortada, pois pulverizado para ele por trás do cortador em uma fonte verde. Doug, foi dito, cerca de cinco horas da tarde, quando estávamos pegando nossas toalhas e voltando ao longo da praia, perto do local de surf, eu quero que você me prometa uma coisa. O quê? Não seja um astronauta. Eu parei. Eu quero dizer isso, disse ele. Porque quando você está lá fora, você quer estar aqui, e quando você está aqui você quer estar lá fora. Não comece isso. Não deixe que isso se aposses de você. Mas, Você não sabe o que é. Toda vez que estou lá fora, eu acho que, se eu alguma vez voltar à Terra, eu vou ficar aqui. Eu nunca vou sair de novo. Mas saiu. E eu acho que eu sempre vou sair. Eu já pensei em ser astronauta por um longo tempo, eu disse, Ele não me ouviu. "Eu tento ficar aqui. No último sábado, quando cheguei em casa comecei a tentar duramente ficar aqui. Lembrei-me dele no jardim, sudorese, e todas as viagens e fazer e ouvir, e eu sabia que ele fez isso para se convencer de que o mar e as cidades e as terras e sua família eram as únicas coisas reais e as coisas boas. Mas eu sabia que ele estaria hoje à noite: olhando para a joia em Orion da nossa varanda da frente. Prometa-me que você não vai ser como eu, disse ele. Hesitei algum tempo. Tudo bem, eu disse.

Ele apertou minha mão. Bom menino, disse ele. O jantar foi muito bom naquela noite. Mamãe tinha corrido pela cozinha com punhados de canela e massa de pão e panelas tilintando, e há um grande peru defumado em cima da mesa, com molho, molho de cranberry, ervilhas, e torta de abóbora. "Em meados de agosto?",

disse o pai, espantado. "Você não vai estar aqui de Ação de Graças." "Então eu não vou." Ele cheirou. Ele levantou cada tampa de cada panela e deixou o aroma bater sobre o rosto queimado de sol. Ele disse: "Ah" a cada um. Ele olhou para o quarto e as mãos. Ele olhou para as fotos na parede, as cadeiras, a mesa, eu e minha mãe. Ele limpou a garganta. Vi-o pensar. "Lilly?" "Sim?" A mãe olhou para a mesa dela que ela tinha definido como uma maravilhosa armadilha de prata, uma janta milagrosa em que, como uma fera lutando do passado pego em uma piscina de alcatrão, o marido pode finalmente ser capturado e mantido, olhando para fora através de uma cadeia de triângulos, seguro para sempre. Seus olhos brilharam. Lilly, disse o pai. Vá em frente, eu pensei loucamente. Diga-a, rápido; dizer que você vai ficar em casa, desta vez, para o bem de todos, e nunca mais irá embora; dizê-lo! Só então um helicóptero passando abalou no quarto e a vidraça tremeu com um som de cristal. Papai olhou para a janela. As estrelas azuis da noite foram lá, e para o planeta vermelho Marte estava subindo no Oriente. Papai olhou para Marte um minuto inteiro. Em seguida, ele colocou a mão para fora cegamente em direção a mim. Posso ter algumas ervilhas, disse ele. Desculpe-me, disse a mãe. "Eu estou indo buscar um pouco de pão." Ela saiu correndo para a cozinha. "Mas há pão na mesa", disse eu. Papai não olhou para mim como ele olhava ao começar sua refeição. Eu não consegui dormir naquela noite.

Desci à uma da manhã e o luar era como gelo em todos os telhados e orvalho brilhava em um campo de neve em nossa grama. Eu estava na porta de pijama, sentindo o vento quente da noite, e então eu sabia que meu pai estava sentado no balanço do alpendre, deslizando suavemente. Eu podia ver seu perfil inclinado para trás, e ele estava olhando as estrelas sobre o céu. Seus olhos eram como cristal cinza, a lua em cada um. Eu saí e sentei-me ao lado dele. Nós deslizamos no balanço por algum tempo. Por fim, eu disse: Há quantas maneiras de morrer no espaço? Milhões.

Cite algumas. Os meteoros baterem em você. O ar sai de seu foguete. Ou cometas levá-lo junto com eles. Concussão. Estrangulamento. Explosão. A força centrífuga. Demasiada aceleração. Muito pouco. O calor, o frio, o sol, a lua, as estrelas, os planetas, os asteroides, os planetoides, radiação. E eles te enterram? Eles nunca encontram. Onde você vai? Um bilhão de quilômetros de distância. Viagem sepulcro, eles chamam. Você se torna um meteoro ou um planetóide viajando para sempre através do espaço. Eu não disse nada. Uma coisa, disse ele mais tarde, é rápido no espaço. Morte. Acaba assim. Você não sofre. Na maioria das vezes você nem sabe disso. Você está morto e é isso. Nós fomos para a cama. Era de manhã. De pé na porta, meu pai ouvia o canto do canário amarelo em sua gaiola dourada. Bem, eu decidi, disse ele. Da próxima vez que eu chegar em casa, eu virei para ficar. Papai! Diga à sua mãe, quando ela se levantar, disse ele. Você quer dizer que! Ele balançou a cabeça gravemente. Vejo-o em cerca de três meses. E ele saiu para a rua, carregando seu uniforme em sua caixa secreta, assobiando e olhando para as árvores verdes altas e pegando chinaberries na árvore enquanto passava, jogando-a na frente dele enquanto ele se afastava para a sombra brilhante de manhã cedo. Perguntei a mãe poucas coisas de manhã depois que o Pai tinha ido embora por horas. Papai disse que às vezes você não age como se você ouve ou vê-lo, eu disse. E então ela me explicou tudo em voz baixa. Quando ele foi para o espaço há dez anos atrás, eu disse a mim mesma, Ele está morto. Ou como se estivesse

morrido. Então, acho que o vi morto. E quando ele volta, três ou quatro vezes por ano, não é ele mesmo, é apenas uma boa lembrança ou um sonho. E se a memória para ou um sonho para, não pode ferir tanto. Assim, na maioria das vezes eu penso nele morto, mas outras vezes, outras vezes eu não posso escapar. Eu asso tortas e o trato como se ele estivesse vivo, e, em seguida, isso dói. Não, é melhor pensar que ele não está aqui há 10 anos e nunca vou vê-lo novamente. Assim não machuca tanto. Ele não disse que desta vez ele para. Ela balançou a cabeça lentamente. Não, ele está morto. Eu estou muito certo disso. Ele vai vir outra vez vivo, então, eu disse. Dez anos atrás, disse a mãe, "Eu pensei: E se ele morrer em Vênus? Então, nós nunca seremos capazes de olhar para Vênus novamente. E se ele morrer em Marte? Nós nunca seremos capazes de olhar para Marte novamente, ou qualquer vermelho no céu, sem querer entrar e fechar a porta. Ou se ele morreu em Júpiter ou Saturno e Netuno? Nessas noites, quando esses planetas estiverem no alto do céu, não vamos querer olhar as estrelas. Eu não acho, eu disse. A mensagem veio no dia seguinte. O mensageiro deu para mim e eu li de pé na varanda. O sol estava se pondo. Mamãe estava na porta de tela atrás de mim, me observando dobrar a mensagem e colocá-la no bolso. "Mãe", eu disse. "Não me diga o que eu já sei", disse ela. Ela não chorou. Bem, não foi Marte, e não foi Vênus, e não foi Júpiter ou Saturno que o matou. Nós não teríamos que pensar nele toda vez que Júpiter ou Saturno ou Marte iluminasse o céu da noite. Desta vez foi diferente. Seu foguete tinha caído para o sol. E o sol é grande, ardente e impiedoso, e está sempre no céu e você não pode ficar longe dele. Então, por um longo tempo depois que meu pai morreu minha mãe dormia com os dias e não saía. Tomamos café da manhã à meia-noite e almoçamos às três da manhã e jantamos, às seis horas. Fomos a todos os espetáculos noturnos e fui para a cama ao amanhecer. E, por um longo tempo, os únicos dias que já saímos para caminhar foram os dias em que estava chovendo e não havia sol.